

O RECONHECIMENTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: O QUE DIZEM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

IVAN BREMM DE OLIVEIRA¹; MARIÂNGELA DA ROSA AFONSO²

¹Programa de Pós- Graduação em Educação Física (ESEF/UFPEL)- ivanbremmоловeira@gmail.com

² Programa de Pós- Graduação em Educação Física (ESEF/UFPEL)- mrafonso.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Educação Física (EF) é uma disciplina que trata, pedagogicamente, no âmbito escolar, do conhecimento de uma área chamada de cultura corporal. Ela é constituída com temas ou formas de atividades corporais como o jogo, a dança, o esporte, e a ginástica. O estudo desse conhecimento visa aprender a expressão corporal como linguagem (SOARES et al. 1992).

Em relação à EF na escola, ao consultarmos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – lei 9.394/96) o seu artigo 26, no parágrafo 3º, estabelece que:

“A Educação Física integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da educação, ajustando-se às faixas etárias e as condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos”.

Percebe-se então que com a aprovação da nova LDB, a EF é integrada a proposta da escola, caracterizada como componente curricular, deixando a cargo das secretarias de educação e das instituições escolares para disporem em seus respectivos Regimentos e Projetos Pedagógicos o número de aulas por semana, bem como a sua distribuição ao longo da semana deste componente curricular.

Em contrapartida, a mesma LDB, oferece bases “legais” da ocorrência de seu não oferecimento, principalmente no ensino noturno, pela sua matrícula facultativa e, ao aluno que, independente do turno: a) cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; b) maior de trinta anos de idade; c) que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar; d) que tenha prole.

Acreditamos que este artigo 26 da LDB promoveu uma gradativa exclusão da EF enquanto componente curricular em relação aos demais componentes curriculares, por ser o único componente curricular da educação básica com base legal de dispensa, privando desta forma os alunos da apropriação de um conhecimento historicamente construído e culturalmente desenvolvido.

Buscando então compreender e discutir o processo de reconhecimento e valorização da EF escolar e do trabalhador da área, buscamos dialogar com outros estudos da área situados ao longo do tempo, tais como BACCIN (2010), VARGAS (2009), TANI (2008), DAOLIO (2003), GUNTHER (2000), FREIRE (1999), LOVIOSO (1996), GHILARDI (1998) e SOARES (1986).

Desta forma, o presente trabalho objetiva identificar os fatores relacionados ao reconhecimento (ou não), da EF, por outras áreas do conhecimento/disciplinas, tendo como campo de estudo a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPEC) da cidade de Pelotas-RS, a partir seus docentes de EF.

A problemática em questão apresenta-se de suma importância no sentido de uma legitimação da EF como disciplina escolar, em um momento de questionamento de sua presença no ambiente escolar e situação de inferioridade em relação aos demais componentes curriculares.

2. METODOLOGIA

Para este estudo, optou-se por uma ênfase na abordagem de cunho qualitativa e, em relação aos objetivos, por uma metodologia de cunho descritiva.

Considerando os procedimentos técnicos utilizados, esta pesquisa insere-se em um estudo de caso, que segundo TRIVINOS (1987, p. 133), “entre os tipos de pesquisa qualitativa característicos, talvez o estudo de caso seja um dos mais relevantes”.

Sendo que foram objeto deste estudo todos os professores de EF, que compõem a RFEPECT na cidade de Pelotas- RS, constituída pelos campus Pelotas (n=16) e campus Visconde da Graça (n=4) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSUL).

Salienta-se que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Pelotas, via Plataforma Brasil, sob Parecer nº 793.810 de 27/08/2014 e, além disso, todos os sujeitos que participaram deste estudo foram convidados a participar voluntariamente e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .

Para identificarmos os participantes e suas respostas, utilizaremos a nomenclatura Professor 1, Professor 2, e assim por diante, haja vista que nenhum participante necessitou se identificar.

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário com a seguinte questão de pesquisa: Você acredita que a Educação Física é reconhecida pelas demais áreas do conhecimento/disciplinas? Por quê?

A análise de dados desta questão aberta de pesquisa, foi analisada, categorizada e discutida a partir da análise de conteúdo de Bardin (2011).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sobre o reconhecimento da EF pelas demais áreas do conhecimento/disciplinas, a maioria dos professores de EF da RFEPECT, acreditam que ela é reconhecida em parte ou pouco, pois “[...] ainda é vista como uma disciplina que não cobra e não tem objetivos claros.” (Professor 2), e que “[...] muitos colegas ainda tem a ideia que a Ed. Física é só “jogar bola.” (Professor 10), sendo que “[...] dependendo do professor a disciplina de EF é valorizada em função de como ele desenvolve a disciplina.” (Professor 9) e seu reconhecimento no âmbito escolar ocorre somente “[...] quando há resultados “externos.” (Professor 17), ou seja, em eventos esportivos e similares, ou “[...] quando precisa organizar alguma atividade festiva.” (Professor 16).

As respostas negativas a esse questionamento foram: “Não, mas já foi pior. Acredito que com a inserção de temas ligados a saúde a disciplina está sendo “melhor reconhecida” pelos nossos pares.” (Professor 5) e, “Não. Mas estamos ganhando espaços na escola.” (Professor 18)

Trazemos agora a resposta do professor que acredita que este não reconhecimento, ou reconhecimento em parte, não é somente em relação à EF, mas também das disciplinas pertencentes às ciências humanas em geral.

Eu diria que a Educação Física assim como outras tantas (da área das humanas) lutam constantemente para assegurar seus espaços e seu reconhecimento. Ainda percebo, principalmente nos cursos técnicos nos quais atuo, certo empoderamento das disciplinas ditas mais “técnicas” sobre as do ensino propedêutico e mais ainda sobre as disciplinas como Educação Física, Arte, Música. Mas também acredito que cenário atual é

muito mais favorável a uma equiparação da educação física com as demais disciplinas. Aos poucos e com o trabalho qualificado dos colegas vamos conquistando nossos espaços. (Professor 20).

Provavelmente pelos Institutos Federais serem especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, geralmente as disciplinas vinculadas ao conhecimento de técnicas e ao ensino destas técnicas é priorizado no processo educacional.

Entre os professores que julgam a disciplina reconhecida pelas demais áreas, suas respostas foram balizadas pelos seguintes argumentos: “[...] pela carga horária semanal (3h/a).” (Professor 8), “[...] pelo trabalho desenvolvido em nossa área.” (Professor 6) e “[...] devido ao empenho dos professores em mostrar a importância da disciplina e da qualidade das aulas. Desconheço a realidade de outras escolas.” (Professor 19).

Estes resultados corroboram com TANI (2008), GUNTHER (2000) e SOARES (1986) na qual observaram que no coletivo da escola a EF possui estigma de trabalho fácil, sem reprovação, de pouca exigência, além de ser vista com preconceitos por outros componentes curriculares (GHILARDI, 1998; DAOLIO, 2003; TANI, 2008). E ser lembrada por não ter objetivos claros e um corpo de conhecimentos específicos e organizados, cuja aprendizagem possa colaborar para que os objetivos da educação escolarizada sejam alcançados (FREIRE, 1999) e, de sua valorização depender também das atitudes dos professores desta área (LOVIOSO, 1996).

Neste sentido, BACCIN (2010), ao entrevistar professores de EF da rede estadual e observar as aulas destes, diagnosticou tanto nas entrevistas, como nas observações, o processo de secundarização da EF e a sua perda de espaço na escola.

E, em relação à legislação, VARGAS (2009), considera que a EF facultativa para os alunos acaba privando-os de conhecimentos teóricos e práticos a cerca da qualidade de vida e, considerando as necessidades físico- educativas, compensatórias às diversas atividades laborais discentes, torna-se necessário repensar sobre a função da EF para o ensino noturno.

Acrescenta-se ainda, que os estudos de apontam que com o avanço dos anos escolares, a EF vai tornando-se cada vez mais secundária e menos interessante para os próprios alunos, visto que os mesmos estão preocupados com outras questões de seu cotidiano, como o vestibular e o ingresso no mercado de trabalho a partir do ensino médio (BETTI, ZULIANI, 2002; DARIDO, 2003).

4. CONCLUSÕES

Por fim, acreditamos que a EF possui caráter pedagógico, atitudinal e intelectual e que vai além de simplesmente “dar aulas” ou puramente instrumental. Sua valorização no âmbito escolar dependerá das atitudes dos professores, de políticas públicas de valorização e de maior conhecimento de suas especificidades e objetivos pelos demais componentes curriculares e dirigentes escolares.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACCIN, E. V. C. **Educação Física escolar: implicações das políticas educacionais na organização do trabalho pedagógico.** 2010, 137f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UFPel, Pelotas, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

BETTI, M e ZULIANI, L.R. Educação física escolar: Uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – Ano I, Número 1, 2002.

DAOLIO, J.A. ordem e a (des) ordem na educação física brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, V. 25, n. 1, p. 115-127, setembro 2003.

DARIDO, S. C.. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 18, n. 1, p. 61-80, 2004.

FREIRE, E. S. **Educação Física e conhecimento escolar nos anos iniciais do ensino fundamental.** 1999. 99f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GHILARDI, R. Formação profissional em educação física: a relação teoria e prática. **Motriz**, v. 4, n. 1, p. 1-11, 1998.

GÜNTHER, M. C. C.; MOLINA NETO, V. Formação permanente de professores de educação física na rede municipal de ensino de Porto Alegre: uma abordagem etnográfica. **Revista Paulista de Educação Física, São Paulo**, v. 14, n. 1, p. 85-97, 2000.

LOVISOLI, H. Hegemonia e legitimidade nas ciências dos esportes. **Motus Corporis: Revista de Divulgação Científica do Mestrado e Doutorado em Educação Física.** v. 3, n. 2, p. 52, dez. 1996. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 127p.

SOARES, C. L. et al. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 10, p. 6-12, 1996.

_____, C. L. et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.

TANI, G.; MANOEL, E. DE J.; KOKUBUN, E., PROENÇA, J. E. **Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista.** São Paulo: EPU: EdUSP, 2008.

VARGAS, J. E. N. **Educação Física no ensino médio noturno na região sul do Rio Grande do Sul: realidades e possibilidade.** 2009, 106f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UFPel, Pelotas, 2009.